
terra roxa

e outras terras

Revista de Estudos Literários

APRESENTAÇÃO

Marcos Hidemi de Lima¹ (UTFPR-Pato Branco)
e Miguel Heitor Braga Vieira² (UEL)

Este número apresenta artigos que se vinculam à chamada “A poesia brasileira dos anos 1950 a 1980 em sua multiplicidade”, cuja proposta abarca a produção poética produzida tanto pelas vanguardas poéticas – tais como o Movimento da Poesia Concreta, a Poesia Neoconcreta, a Poesia Práxis, o Poema-Processo e a Geração Mímégrafo (ou Poesia Marginal) – quanto a de poetas que já vinham produzindo anteriormente ou que passaram a produzir dentro destas quatro décadas, além de trazer artigos sobre compositores da moderna canção popular brasileira, cujo mérito foi pôr em circulação o melhor da poesia cantada que se realizou entre os movimentos musicais da bossa nova e do rock Brasil.

Sob uma ótica historiográfica, a poesia brasileira desse período manifesta contornos peculiares no que se refere a períodos e estilos literários. É no decurso desses 40 anos que a poesia modernista alcança largo espaço de influência, passando por um intenso processo de canonização e efetivamente se consolida como a estética preponderante de nossa lírica; concomitantemente, os movimentos de vanguarda se multiplicam, alcançando as estéticas pós-vanguardistas e a poesia de autoria feminina se firma, para ficarmos em algumas das principais direções.

Aqui estão textos que apresentam variadas perspectivas sobre a produção dessa fase tão fértil. Temos desde nomes fortemente conhecidos e já canônicos (Cecília Meireles, Vinícius de Moraes) a outros não tão divulgados que se revelam extremamente instigantes (Dinacy Corrêa, Jomard Muniz de Britto).

Em “Do tijolo ao verbo: a construção do sujeito em Vinícius de Moraes”, Oziris Borges Filho propõe uma análise crítica do poema “O operário em construção”, de Vinícius de Moraes, sob a tese de que sua forma não é um adorno, mas o próprio mecanismo que edifica a consciência revolucionária do protagonista. A investigação desdobra-se em três níveis interdependentes: o fônico, o lexical e o sintático-semântico. O artigo conclui que, ao fundir forma e conteúdo de maneira indissociável, Vinícius de

¹ mhlima@utfpr.edu.br - <https://orcid.org/0000-0001-9762-1775>

² miguelvieira@uel.br - <https://orcid.org/0000-0002-7797-7480>

Moraes não apenas narra, mas performa a transformação de seu operário, provando que a conquista da liberdade é, fundamentalmente, um ato poético de reconstrução da linguagem e do sujeito.

Já no artigo “São Luís Naturíssima Trindade: representação, espaço e resistência na poesia de Dinacy Corrêa”, de Conceição Feitosa, a investigação centra-se no poema “São Luís: Naturíssima Trindade – trioletto poético”, abordando, sobretudo, como a representação da cidade articula memória, espaço e identidade, no contexto de resistência poética produzida no Brasil entre as décadas de 1950 e 1980. Partindo da tradição das escritas de mulheres e de suas práticas de contestação simbólica, o estudo examina como a autora mobiliza corpo, espaço, memória e política para construir uma representação sensorial da capital maranhense.

Com o texto “Agora não se fala mais: o paradoxo entre a linguagem e o indizível em Torquato Neto”, escrito em parceria entre Gabriel Alves Fernandes e Marcelo Ferraz de Paula, somos brindados com uma bela abordagem das estratégias discursivas levadas a cabo por Torquato Neto em diários, letras de canção e poemas, considerando-se, principalmente, a metalinguagem como recurso poético na condição traumática do contexto ditatorial brasileiro de 1964 a 1985. Leva-se em consideração, como ponto de partida, a linguagem tensionada e obliterada em regimes de exceção, quando há uma insuficiência do signo, quando a fala é interrompida e as palavras, maculadas pela história, são invadidas pelo vazio e pela ausência de precisão.

Em “A erótica do ser feminino negro: a poética de Miriam Alves”, Andréa Leitão propõe uma interpretação do erotismo presente nos poemas de Miriam Alves, publicados nos livros *Momentos de busca* (1983) e *Estrelas no dedo* (1985), a partir do enfoque sobre a elaboração poética dos corpos negros. A autora busca, entre outros objetivos, afirmar a ruptura estabelecida na obra da poeta com o controle exercido pelos estereótipos de raça e gênero, assim como com a imagem hiperssexualizada atribuída a mulheres negras. Desse modo, os versos da escritora despertam a mulheridade negra para viver a plenitude de uma “erótica do ser”, na medida em que os corpos femininos negros passam da condição de objeto do desejo ou da subordinação para o ser desejante perfazendo o seu direito ao gozo e à vida.

O artigo “Impasses de resistência: notas sobre a última poesia de Cacaso”, de Matheus Araujo Tomaz e Anderson Gonçalves da Silva, trata da produção derradeira de Antônio Carlos de Brito (Cacaso), enfocando o livro *Mar de Mineiro* (1982) e poemas posteriores reunidos em *Beijo na Boca e outros poemas* (1985), compreendendo como essa parte de sua obra formaliza os problemas políticos e estéticos do período de redemocratização brasileira. Assim, argumenta-se que o humor opera como forma de negatividade em sua poesia: expõe as convenções dos antigos ideais de esquerda; exhibe a ausência de perspectivas histórico-políticas; registra o desencantamento com a “abertura” política; e marca a universalização do nexo financeiro.

“Poesia e infância em *O estudante empírico*, de Cecília Meireles”, de Anny Costa Chaves e Ilca Vieira de Oliveira, aponta para um viés analítico que busca a interpretação do livro de Cecília Meireles cujo eixo concentra-se na significação da infância

construída nos poemas “Sob as árvores da infância, altíssimas, passearemos” e “O globo”. Constata-se que os poemas são escritos em dicção universalista, marcada pelas inovações da poesia moderna, e que a infância é associada às ideias de fruição, autoconhecimento, liberdade, memória e imaginação.

Em “Afro-surrealismo e a conquista da interioridade na poesia de estreia de Adão Ventura”, Ana Beatriz Matte Braun e Ricardo Luiz Pedrosa Alves se dedicam a analisar *Abrir-se um abutre ou mesmo depois de deduzir dele o azul*, primeiro livro do poeta mineiro, lançado em 1970, sobre o qual não há muitos estudos. A discussão dos dois autores se volta à primeira fase da poética de Ventura, na qual preponderam a busca pela subjetividade e o potencialidade lírica da estética do afro-surrealismo, cuja finalidade visa valorizar a perspectiva negra e o enfrentamento do presente.

Patrícia Cristina de Aragão e Robéria Nádia Araújo Nascimento abordam, no texto “*Cadernos Negros* nas encruzilhadas literárias: aquilombando saberes em travessias histórico-educativas”, alguns contos e poemas publicados por variados autores, entre 1978 e 1988, na antologia *Cadernos Negros* – publicação considerada como um espaço contra o racismo e de manutenção da memória cultural e histórica dos afro-descendentes –, tornando-se um canal por meio do qual escritores até então marginalizados passaram a ser conhecidos e um veículo que proporcionou a consolidação da literatura afro-brasileira.

No artigo de Jonas Leite e George Menezes “Quem fala perde: a metapoesia crítica de Jomard Muniz de Britto”, o foco dos autores se dirige à questão da metapoesia presente na produção poética jomardiana, evidenciando-o como um escritor que estabelece diálogos com vanguardas diversas (sem aderir a nenhuma delas) conforme se pode perceber nos jogos linguísticos, nas paródias e nas desmontagens conceituais efetuadas pelo poeta com a finalidade de obter uma escrita que abranja elementos tais como contradições, deslocamentos e multiplicidades.

O texto “Negatividade e percepção em *Alba*, de Orides Fontela”, de Clarissa Xavier e Isabela Dias Benassi, detém-se na leitura dos poemas “Composição” e “A mão”, que fazem parte de *Alba* (1983), terceiro livro da poeta que funciona como uma obra que sintetiza a própria escrita de Orides. Na análise, as autoras buscam demonstrar que os dois poemas ilustram a relação do sujeito com o mundo pela presença do corpo, evidenciando o aprofundamento da poeta com a fenomenologia e com o campo da percepção.

Franciane Conceição da Silva e Maria Eduarda de Melo Paulino discutem, em “Ero-tismo em primeira pessoa: a poética do corpo negro em Miriam Alves”, as narrativas coloniais que caracterizam o corpo feminino negro sob a perspectiva da subalternidade, analisando os poemas “Geometria bidimensional”, “Íntimo véu” e “Estranho indagar”, publicados em diferentes edições dos *Cadernos Negros*, e demonstrando como Miriam Alves transforma o erótico – que é uma ferramenta política na sua poesia – em gesto de autorreconhecimento e de ruptura contra as amarras da subjetividade negra.

Ao considerar a ideia de que o humor elabora tensões recorrentes em nossa literatura, tais como a construção ambígua da identidade nacional, a relação entre experimentação formal e cultura de massas, a resistência cotidiana a contextos autoritários, a revisão irônica do cânone e as disputas contemporâneas em torno de gênero e autoria, Andréa Catrópa da Silva investiga, no artigo “Do riso modernista às escritas contemporâneas: humor na poesia brasileira do século XX e XXI”, o humor como operador formal e histórico em três poetas de diferentes gerações: Paulo Leminski, José Paulo Paes e Angélica Freitas.

Em suma, os artigos desta edição revelam que a poesia e a canção popular brasileiras, entre as décadas de 1950 a 1980, cristalizaram não somente as lições de vários momentos do modernismo, mas também franquearam o caminho para que as vanguardas poéticas e as renovações de nosso cancioneiro popular muitas vezes se entroncassem, diluindo – dentro do espírito da contemporaneidade – as fronteiras entre a poesia lida/falada e a poesia cantada.